

Alegria missionaria da pastoral no pensamento do Papa Francisco

Francisco Rickelme Gomes Barros¹

Resumo: Bebendo das fontes do Concílio Vaticano II, em especial do documento de Aparecida, que expressa: “Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento” indicando a urgente e necessária conversão pastoral/missionária que deseja realizar. Almeja uma Igreja em saída, enfatizando que isso “é dever da Igreja” (EG, 111). A alegria do ressuscitado inquieta e impulsiona a vida para o anúncio desse Evangelho que um dia também experimentado. Uma Igreja que se encontrou com o Evangelho de Jesus é “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” da missão. É esse o convite que o pontífice faz, uma renovação eclesial, saindo de “uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.” (EG, 49) para uma Igreja em estado permanente de missão, despojada e amante dos pobres.

Palavras-chave: Evangelho; Alegria; Papa Francisco; Igreja; Missão.

INTRODUÇÃO

Um dos temas em que o Papa Francisco vem trazendo à tona desde o início de seu pontificado é a alegria do cristão. De sete de suas exortações apostólicas, três delas expressam logo no título a convocação para a alegria, *Evangelii Gaudium* – A alegria do Evangelho; *Amoris Laetitia* – A alegria do amor; *Gaudete et Exsultate* – Alegrai-vos e exultai. Pode-se notar claramente a força dessa proposta que o Papa Francisco vem trazer em seu pontificado. Lógico que o Romano Pontífice, não criou ou trouxe algo novo para a Igreja, ele apenas lembrou aos cristãos a própria essência, pois como bem enfatizou: “Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, 01).

O Papa convida os cristãos a fazer a passagem do homem velho, triste e ranzinza para uma nova e alegre criatura. Porém, qual necessidade de falar de alegria numa igreja hodierna? Existe então uma tristeza que prejudica? Francisco, desde o início de seu pontificado, demonstra ter um olhar amplo, abrangente e profético da realidade eclesial. No entanto, de onde emanaria a proposta dessa “alegria do evangelho”? Qual sua eficácia? O Papa fez, ao longo dos seus 11 anos de pontificado, e ainda continua fazendo, belíssimas e ricas reflexões sobre essa alegria.

¹ Licenciando do curso de filosofia e do curso de bacharelado em teologia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI. E-mail: franciscorickelmegomesbarros@gmail.com

1 A TRISTEZA QUE DEVE TRANSFORMAR-SE EM ALEGRIA

Nas falas do Papa Francisco, em diversas vezes, ele fez exortações aos cristãos a respeito da alegria, como a de: ser batizado, de ter um Deus amoroso etc. Colocando a alegria como um remédio, um antídoto contra a tristeza que tanto assola nossa sociedade. No Angelus do dia 13 de dezembro de 2020, o Papa se expressa da seguinte forma:

Eis a primeira condição da alegria cristã: descentralizar-se de si mesmo e colocar Jesus no centro. Isto não é alienação, porque Jesus, de fato, é o centro, é a luz que dá pleno sentido à vida de cada homem e mulher que vem a este mundo. É o mesmo dinamismo do amor, que me leva a sair de mim, não a perder-me, mas a encontrar-me a mim mesmo. (FRANCISCO. Angelus: 13, dez 2020).

Francisco faz essa afirmação, salientando o processo em que situa o dinamismo cristão, que é sair de um triste egoísmo, para uma alegria cristocêntrica. O Papa ainda acentua a tristeza, como ausência da alegria. Na Audiência Geral, no início deste ano, onde salienta duas tristezas, a saber uma tristeza amiga e outra que denominou de doença da alma. A primeira é aquela que conduz à salvação, dando o exemplo da passagem do filho pródigo, da amargura que sentiu ao chegar ao fim do poço e que o impele a retornar à felicidade da casa paterna (cf. *Lc* 15, 11-20). Conclui dizendo que “é uma graça gemer sobre os próprios pecados, recordar o estado de graça do qual caímos, chorar porque perdemos a pureza com que Deus nos sonhou” (FRANCISCO. Audiência Geral de 7, fev. 2024)

Em seguida, ele esclarece sobre a segunda tristeza, como aquela tristeza que brota no coração humano, no momento que a esperança se finda. Portanto, a dinâmica dessa tristeza está intrinsecamente unida à experiência da perda, pois

No coração do homem nascem esperanças que, às vezes, são frustradas. Pode ser o desejo de possuir algo que, ao contrário, não se consegue obter; mas também algo importante, como a perda de um afeto. Quando isto acontece, é como se o coração do homem caísse num precipício, e os sentimentos que experimenta são desânimo, fraqueza de espírito, depressão, angústia” (FRANCISCO. Audiência Geral de 7, fev. 2024).

Francisco acentua a necessidade de perceber que frequentemente as pessoas das comunidades podem vivenciar momentos de amargura e tristeza. Lendo esses sinais dos tempos, como uma necessidade da Igreja em se fazer presente, como mãe acolhedora, nesse mundo secular, com suas macelas e prisões do egoísmo, trazidas pela contemporaneidade de uma sociedade individualista. Nesse contexto, chamados como Igreja a experimentar a alegria do Cristo ressuscitado que a cada dia impulsiona para a vida nova, vida que promove com alegria a justiça, a paz e a ternura.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco exorta a sair da individualidade egoísta, que gera tristeza e pode conduzir ao que ele chama de doença da alma, para passar à alegria de uma vida doada, em prol do reino de Deus. Acrescenta ainda que a alegria não se revela sempre do mesmo jeito, da mesma forma, já que passamos por momentos de amarguras e duras realidades, por diversas vezes. São nesses momentos que se faz necessário a transformação pessoal, pois em meio aos problemas, sempre existe um feixe de luz, uma centelha de fé pessoal. Daí brota da certeza de sermos infinitamente amados por Deus e jamais esquecidos por Ele, despertando assim uma secreta, porém sólida confiança na sua providência.

2 A ALEGRIA DO EVANGELHO QUE ENCHE O CORAÇÃO

O convite missionário proposto pelo Evangelho da gloriosa Cruz de Cristo, convida insistentemente a uma verdadeira alegria, como elucida São Francisco de Assis, que inspira o Papa Francisco. Para ele, está comprovada biblicamente a verdade desse convite. Expondo alguns exemplos como: em Maria nas passagens de Lc 1, 28; Lc 1, 41 e Lc 1, 47.; no testemunho de João Batista, Jo 3, 29; com o próprio Jesus em Lc 10, 21; Jo 15, 11; Jo 16, 20; Jo 16, 22 e Jo 20, 20; ou até mesmos no relato das primeiras comunidades cristãs no Atos dos Apóstolos 2,46; 8,8. 39; 13,52; 16,34. Com isso, o Papa reconhece que “a nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante” portanto, “porque não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?” (EG, 05).

O pensamento da verdadeira e genuína alegria, em Francisco, está em recordar daquelas pessoas, que mesmo atoladas de compromissos profissionais, dificuldades da vida, ou até mesmo na pobreza mais dura, sabem “conservar um coração crente, generoso e simples. De várias maneiras, estas alegrias bebem na fonte do amor maior, que é o de Deus, a nós manifestado em Jesus Cristo” (EG, 07). De fato, na caminhada pastoral das comunidades cristãs, grupos e pastorais, pode-se notar o zelo e o ardor daqueles que são ocupados, que trabalham, que fazem faculdade, que as vezes são desprovidos de condições financeiras, mas colaboram com o pouco que tem, doando seus dons, como aquela oferta da viúva no templo (Mc 12,41-44).

Nesse sentido, o Papa adverte para o grande risco do mundo atual, que vai sufocando essa semente de alegria no serviço a Deus e a Igreja,

com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem (EG, n. 2).

O cristão é chamado a viver a alegria da partilha na missão, lembrando o que o Documento de Aparecida diz que “na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no

comodismo e no isolamento” (DAp, n. 360). Ao recordar essa frase, Francisco percebe que a essência da vida pastoral da Igreja se encontra em sua missão evangelizadora, indicando assim a urgente e necessária conversão pastoral/missionária que deseja realizar. Almejando uma Igreja em saída, enfatiza que a essência primeira da Igreja é ser missionária, saindo de seu autocentrismo, para ir até onde as pessoas estão, principalmente os pobres e mais sofridos. Partir em missão “é dever da Igreja” (EG, 111). Pois, a alegria do ressuscitado inquieta e impulsiona nossas vidas para o anúncio desse Evangelho que um dia também nos encontrou.

Segundo Francisco, a missão requer uma conversão sincera das pessoas e da pastoral, pois não é feita por acaso, mas é fruto de uma fé madura e consciente que vai descobrindo seu lugar no mundo, isto é, vai ajudando o homem e a mulher de nosso tempo a encontrar o sentido mais profundo de sua vida. A *Gaudium et Spes* recorda que a humanidade em suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, geme e implora por uma resposta missionária da Igreja (cf. GS, 01). E é justamente para isso que o Papa Francisco recorda as palavras de seu predecessor, São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*:

a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! [...] E que o mundo do nosso tempo, que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo (EN, 80).

Oxalá, de fato possamos responder a esse apelo a Igreja verdadeiramente missionária, onde homens e mulheres se dediquem ao serviço do Reino, levando a alegria do Evangelho ao mundo. Como afirma a *Gaudete et Exsultate*, pesar de “existirem momentos difíceis, tempos de cruz, nada pode destruir a alegria sobrenatural” (GE, 125). Francisco recorda que a alegria missionária muitas vezes é posta à prova, gerando desânimo missionário, pois há tantas dores que flagelam o povo. No entanto, a perda da esperança, ou seja, a perda do bom humor, é um sinal malvisto por Francisco, já que “normalmente a alegria cristã é acompanhada pelo sentido do humor, tão saliente, por exemplo, em São Tomás Moro, São Vicente de Paulo, ou São Filipe Néri. O mau humor não é um sinal de santidade” (GE, 126).

3 O ANÚNCIO PASTORAL DA VERDADEIRA ALEGRIA

Na visão do Santo Padre, a sonhada alegria da pastoral é perceptivelmente missionária, ou seja, a alegria da pastoral está em sua missão. Pois, para ele, uma Igreja que se encontrou com o Evangelho de Jesus é “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas” da missão, saindo de “uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.” (EG, 49). É esse o convite que o pontífice faz: uma renovação eclesial, para uma Igreja em estado permanente de missão, despojada e amante dos pobres.

O projeto missionário de Francisco, é “para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização

do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27). Paulo Suess, fala de um *reset* eclesial, que Francisco deseja fazer. Como se através de seus escritos, discursos e em especial pelos seus gestos, configure o modo de ser Igreja, para uma Igreja mais missionária, presente nas paixões, nas glórias e limitações humanas (cf. EG 40-45). Enfatiza ainda que:

A teologia do Papa Francisco, que é uma teologia indutiva que nasce no chão da vida de pessoas concretas, de suas alegrias e sofrimentos, de seus desejos e sonhos, é sempre orientada para seu projeto missionário. Como destilar das dores da humanidade, as quais sempre nascem de um abuso da natureza que nos rodeia ou estão dentro de cada um de nós, um vinho bom, uma conversão profunda, uma mudança do nosso estilo de vida, um aprendizado sustentável para uma convivência feliz com a natureza, com os nossos semelhantes e com Deus? (SUESS, 2019 p. 22).

Para isso, a *Gaudete et Exsultate*, indica-nos que é possível e necessário, que o cristão seja capaz “de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, iluminando os outros com um espírito positivo e rico de esperança” (GE, 122). Pois é para isso que Deus nos chama, para sermos profetas, profetizas da alegria, mas com os pés no chão. Um anúncio genuíno e firmado na alegria de uma esperança futura, fortes e perseverantes nas tribulações e assíduos numa vida de oração. (Cf. Rm 12,12)

Para entrar nessa dinâmica, é necessária uma audácia apostólica, com fervor espiritual, como se pede em Aparecida, para que façamos “como João Batista, como Pedro e Paulo, como os demais Apóstolos, como essa multidão de admiráveis evangelizadores que se sucederam ao longo da história da Igreja” (DAP, 552). Com esse fervor espiritual, podemos recuperar a força e o valor dessa audácia apostólica que tanto evangelizou no passado e nos ensina hoje, a sermos discípulos-missionários, pois “não basta ser genial nas propostas. Precisamos ser audazes nas respostas e ações”(SUESS, 2019, p. 25).

Esse anúncio de Cristo, através da missão, seria como que a condição fundamental e prévia para os passos seguintes do caminho de conversão, pois é consequência, visto que, “somente quem ouviu falar do amor de Deus manifestado em Seu Filho e ficou inflamado desse santo amor pode perseverar com alegria na graça de Deus até a morte.” (FIGUEIREDO, 2022, p. 115). No discurso natalino para a Cúria Romana, em 2015, o Papa Francisco salienta a missionariedade, como aquilo que torna a vida cristã verdadeiramente fecunda, e tal teologia da missão, só deve ser entendida pela ótica da misericórdia, pois essa é a teologia de Francisco:

Missionariedade e pastoreação. A missionariedade é aquilo que torna, e mostra, a Cúria fértil e fecunda; é a prova da eficácia, eficiência e autenticidade do nosso trabalho. A fé é um dom, mas a medida da nossa fé prova-se também pelo modo como somos capazes de a comunicar [...] misericórdia é escândalo para a justiça, loucura para a inteligência, consolação para nós, devedores. A dívida de existir, a

dívida de ser amados, só se paga com a misericórdia (FRANCISCO, Discurso à Cúria Romana, 21 dez. 2015).

Essa reflexão refere-se à dinâmica da missão com um novo jeito de ser, pois o serviço ao Reino, no pensamento de Francisco, necessita de uma doação por completo, onde a dívida de ser amado, seja paga somente com a propagação da misericórdia com a doação da vida. E, bebendo dessa fonte de misericórdia, o homem e a mulher que se propõe a seguir Jesus Cristo, sinta a verdadeira alegria cristã, por estar cumprindo o mandato do Mestre.

CONCLUSÃO

Nessa breve reflexão buscamos acentuar a necessidade de uma conversão pastoral para o anúncio do Cristo vivo entre nós. O anúncio deve ser realizado com *parresia*, que é “selo do Espírito, testemunho da autenticidade do anúncio. É uma certeza feliz que nos leva a gloriar-nos do Evangelho que anunciamos, é confiança inquebrantável na fidelidade da Testemunha fiel” (GE, 132). É nesse cenário que a missão da Igreja se manifesta como semente de esperança e como sinal de amor e justiça. Pois, nos diz Francisco: “O *querigma* possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho aparecem a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, 177).

A abertura à ação do Espírito Santo é condição indispensável, já que, para Francisco, o impulso do Espírito é necessário para não paralisarmos de medo e “para não nos habituarmos a caminhar somente dentro de confins seguros. Lembremo-nos disto: o que fica fechado acaba cheirando a mofo e criando um ambiente doentio” (GE, 133). Francisco ainda adverte que, a exemplo dos discípulos devemos anunciar “com alegria, magnanimidade, benevolência, [...] sem imposição, coerção nem proselitismo; mas sempre com proximidade, compaixão e ternura, que refletem o modo de ser e agir de Deus” (Mensagem para o dia mundial das missões de 2024). Essa é a Igreja que o Papa Francisco sonha, deseja e indica-nos. Uma Igreja que ama seu Senhor e que não aguenta ficar isolada, mas que distribui seus dons com alegria, para realizar e propagar a paz e o amor que brota de seu lado aberto, assim como o de seu Senhor Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CELAN. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, São Paulo: CNBB, Paulinas, Paulus, 2008.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. *Constituição Pastoral Gaudium et spes*. In: Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FIGUEIREDO, Pe. Luiz Henrique Brandão de. *Acompanhar, discernir e integrar*: Santo Afonso Maria de Ligório e o ministério do confessor. 2ª edição. São Paulo: Cultor de Livros, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Apresentação das felicitações de Natal à cúria romana*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151221_curia-romana.html#:~:text=%C3%80%20C%C3%BAria%20Romana%20por%20ocasi%C3%A3o,de%20dezembro%20de%202015\)%%207C%20Francisco&text=Queridos%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3s!,licen%C3%A7a%20falo%20Dvos%20sentado](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151221_curia-romana.html#:~:text=%C3%80%20C%C3%BAria%20Romana%20por%20ocasi%C3%A3o,de%20dezembro%20de%202015)%%207C%20Francisco&text=Queridos%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3s!,licen%C3%A7a%20falo%20Dvos%20sentado). Acesso 30/09/2024.

FRANCISCO, Papa. *Angelus*: 13, dez 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201213.html#:~:text=Quanto%20mais%20pr%C3%B3ximo%20est%C3%A1%20de,t%C3%AAm%20um%20rosto%20de%20vel%C3%B3rio.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*: 07, fev 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2024/documents/20240207-udienza-generale.html>. Acesso em: 30/10/2024.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: a alegria do evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, Paulus, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo, Canção Nova, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o Dia Mundial das Missões* 2024. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20240125-giornata-missionaria.html>>. Acesso em: 20 out. 2024.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 30/10/2024.

SUESS, Paulo. *Projeto Missionário*. Coleção Teologia do Papa Francisco. São Paulo, Paulinas, 2019.